8

Posicionamentos sobre o novo currículo internacional

Neste último capítulo de análise, serão apresentados os segmentos sobre o *International Primary Curriculum* (IPC - cap.2), o debate sobre o internacionalismo e como tais assuntos suscitam a construção de identidades individuais e de grupo refletidas nas práticas discursivas.

O capítulo está dividido em três seções, com o objetivo de responder à terceira pergunta norteadora da pesquisa:

- Como é entendida, pelos professores, a proposta de internacionalização adotada pelo novo currículo escolar na instituição?

Na primeira subseção, trataremos dos posicionamentos sobre o novo currículo e as questões de mudanças por este suscitada. Na segunda subseção, a análise se volta para os posicionamentos sobre o ‘internacionalismo’ e a construção do conceito pelos professores brasileiros e ingleses.

8.1

Refletindo sobre a mudança a partir do novo currículo

Nesta seção, tratarei de segmentos da entrevista com as professoras brasileiras apresentando seus posicionamentos sobre o novo currículo, e a reconfiguração identitária no entre-lugar sociocultural na instituição.

8.1.1

O novo currículo: a construção de posicionamentos das professoras brasileiras

A entrevistadora, em sua pergunta, sugere que as professoras brasileiras assumam posicionamentos sobre o tema ‘internacionalismo’ baseado na implementação do novo currículo escolar.

Segmento 13 - Entrevista com as professoras brasileiras

240	Alessandra	Vocês acham que essa discussão que a gente tá tendo agora no currículo de “internacionalism”, vocês acham que isso vai alterar alguma coisa, com esse novo currículo, com essa nova abordagem?
241		
242		
243	Andréia	É meio que colocar uma, uma, um quadril 38 (2.3), não, um, um quadril 44 numa calça 38, assim (0.6). Acho que tem que mudar a estrutura de pensamento, que você levando a últimas consequências, você tá dando muita (0.3) liberdade...
244		
245		
246		
247	Talita	Que é uma coisa [que aqui eles não gostam].
248	Andréia	[para professores e alunos] <[construírem]>...
249	Talita	[É].
250	Andréia	Os seus conceitos. Então, a partir do momento que você dá essa liberdade, esse senso crítico, essa possibilidade de exercer de formar o senso crítico, você tem que saber o que te espera. >Você vai tá lá na frente pessoas que questionam< o seu modus operante, ...
251		
252		
253		
254	Talita	Exatamente.
255	Andréia	Pessoas que questionam o seu currículo, pessoas que q q, se >tá entendendo?< Então, assim, vou o que eu falei na reunião com >um dos estrangeiros<. Eu falei assim: vocês realmente <pensaram> no que é isso (0.3), porque assim, você está, leva isso ao final da linha...
256		
257		
258		
259	Márcia	Estão querendo.
260	Andréia	Você não vai querer, você não via ter como ter uma estrutura onde você diz como se comportar, onde você diz até aonde ir, porque não vai ser mais possível. A partir de um certo ponto é que você vai ter >autonomia< (0.9) e o professor vai ter >autonomia< de construir o seu currículo de acordo com o seus, com as suas demandas (0.4). Com seu gosto pessoal, quem tem mais inclinação para Matemática ou quem tem mais inclinação pra, pra (0.6) não tem como! É, não tem como você sair dali. Porque, até então, o que eu vejo, é uma, é um certo <cerceamento> por conta da estrutura, da mentalidade do BMT de..., cerceamento não no sentido negativo, não tô vendo negativamente, mas assim, eles gostam de ter as coisas dentro das molduras...
261		
262		
263		
264		
265		
266		
267		
268		
269		
270		
271	Talita	É, é a forma como é, exatamente.

Andréia inicia seu turno com uma metáfora a fim de comparar o novo currículo internacional e a estrutura da instituição posicionando-os (“É colocar um quadril 44 em uma calça 38” - linha 243-246).

Segmento 13.1

243	Andréia	É meio que colocar uma, uma, um quadril 38 (2.3), não, um, um quadril 44 numa calça 38, assim (0.6). Acho que tem que mudar a estrutura de pensamento, que você levando a últimas consequências, você tá dando muita (0.3) liberdade...
244		
245		
246		

A construção da metáfora estrutural é permeada por duas pausas (linhas 243 e 244) insinuando seu processo reflexivo, o que remete a outras imagens (“É meio que colocar uma, uma, um quadril 44 numa calça 38” - linha 243) já apresentadas por ela em segmentos anteriores. Por exemplo, aquelas imagens que remetem à ‘formatação’, ‘encaixotar’ (segmento 6; seção, 6.3) e que, assim como a metáfora acima, remetem à ideia de aprisionamento, de opressão.

Ao assumir um posicionamento crítico e contestatório, a partir do uso da metáfora, Andréia utiliza termos contraditórios a fim de complementar sua avaliação sobre o currículo, por exemplo: a expressão “estrutura de pensamento” (linha 245) e “liberdade” (linha 246). Este segmento apresenta pronome “você” como agentivo, sem recuperação no contexto, visto que não representa nenhuma das participantes. Esta é uma estratégia discursiva de proteção de face através do recurso de polidez refletido na indeterminação do sujeito em: “tem que mudar a estrutura de pensamento” e “você levando às últimas consequências dá muita liberdade”.

Segmento 13.2

247	Talita	Que é uma coisa [que aqui eles não gostam].
248	Andréia	[para professores e alunos] <[construírem]>...
249	Talita	[É].
250	Andréia	Os seus conceitos. Então, a partir do momento que você dá essa liberdade, esse senso crítico, essa possibilidade de exercer de formar o senso crítico, você tem que saber o que te espera. >Você vai tá lá na frente pessoas que questionam< o seu modus operante, ...
251		
252		
253		
254	Talita	Exatamente.
255	Andréia	Pessoas que questionam o seu currículo, pessoas que q q, se >tá entendendo?< Então, assim, vou o que eu falei na reunião com >um dos estrangeiros<. Eu falei assim: vocês realmente <pensaram> no que é isso (0.3), porque assim, você está, leva isso ao final da linha...
256		
257		
258		
259	Márcia	Estão querendo.

Andréia e Talita alternam seus turnos e sobrepõem suas falas configurando a coconstrução da entrevista de pesquisa, demonstrando envolvimento entre as interactantes ao corroborarem com suas explicações. No turno de Talita (linhas 247 e 249), há uma tessitura de avaliações sobre as relações entre a natureza do novo currículo e a realidade da instituição, elaborados a partir de marcadores discursivos. Ao dizer “[que aqui eles não gostam]” (linha 247), Talita posiciona a instituição e membros integrantes desta em seu discurso, pela utilização do

indexal de lugar (“aqui”) e o pronome de terceira pessoa (“eles” - linha 247) posicionando membros participantes da instituição que não estão presentes na interação. O pronome “eles”, utilizado de forma indefinida, sugere uma tentativa de proteção de face, uma vez que não há uma agentividade definida no discurso, podendo apenas ser recuperada no contexto por membros da instituição.

Na linha 255, Andréia utiliza o substantivo “pessoas” indicando impessoalidade. A pergunta “se >tá entendendo?<” possui função interativa, regulando o fluxo da conversa, dando sustentação a sua argumentação.

Andréia retoma um momento passado ao utilizar a fala reportada e o pronome em primeira pessoa demonstrando agência (“o que eu falei na reunião com >um dos estrangeiros<. Eu falei assim:...” – linha 256). Pela primeira vez, Andréia posiciona, em seu *account* narrativo encaixado, o sujeito com quem ela interage, o estrangeiro, o membro do “*out-group*” (Ting-Toomey, 1999).

Segmento 13.3

260	Andréia	Você não vai querer, você não vai ter como ter uma estrutura onde você diz como se comportar, onde você diz até aonde ir, porque não vai ser mais possível. A partir de um certo ponto é que você vai ter >autonomia< (0.9) e o professor vai ter >autonomia< de construir o seu currículo de acordo com o seus, com as suas demandas (0.4). Com seu gosto pessoal, quem tem mais inclinação para Matemática ou quem tem mais inclinação pra, pra (0.6) não tem como! É, não tem como você sair dali. Porque, até então, o que eu vejo, é uma, é um certo <cerceamento> por conta da estrutura, da mentalidade do () de..., cerceamento não no sentido negativo, não tô vendo negativamente, mas assim, eles gostam de ter as coisas dentro das molduras...
261		
262		
263		
264		
265		
266		
267		
268		
269		
270		
271	Talita	É, é a forma como é, exatamente.

A alternância de vocábulos positivos “autonomia” (linha 263), “construir” (linha 263) para posicionar o novo currículo, contrasta com “cerceamento” (linhas 267 e 268), “molduras” (linha 270), “estrutura” (linha 260) posicionando a instituição. Desta forma, Andréia retoma a personificação do “pensar dentro da caixa” (segmento 6) reforçando a ideia de uma instituição engessada, imutável.

Os posicionamentos construídos indicam que as interactantes passam por uma fase de conflito entre aceitar o novo currículo e desvencilhar-se do “velho” modelo curricular e estrutural da instituição.

8.1.2

A mudança de posicionamentos a partir do novo currículo: as professoras brasileiras

O segmento abaixo ocorreu aos 25 minutos de gravação, uma espécie de conclusão da entrevista, dando continuidade à discussão sobre internacionalismo e a nova proposta curricular.

Segmento 14 - Entrevista com as professoras brasileiras

883	Talita	[É, mas eu acho que a gente tem ju], entra de novo
884		essa coisa do internacionalismo, eu acho que a gente tem que ter acesso
885		(0.9) [a TUDO QUE ESTÁ] ...
886	Andréia	[>A gente tem o que aprender, mas também temos o que
887		ensinar<].
888	Márcia	[Não, acesso a tudo].
889	Talita	ACONTECENDO
890	Márcia	[Com certeza].
891	Talita	[E aí a gente bota] o dendê (0.4) no molho inglês.
892	Andréia	[Com certeza].
893	Márcia	[Seja, seja, seja] ...
894	Talita	°Entendeu°? Hhhh.
895	Márcia	[Seja ... dendê no molho inglês (0.5) estan], ...
896	Andréia	[Já gostei, já gostei, já gostei].
897	Márcia	Estando onde você estiver. Eu acho que é isso (0.5). [Tem que (0.6)
898		valorizar nossa cultura].

Segmento 14.1

883	Talita	[É, mas eu acho que a gente tem ju], entra de novo
884		essa coisa do internacionalismo, eu acho que a gente tem que ter acesso
885		(0.9) [a TUDO QUE ESTÁ] ...
886	Andréia	[>A gente tem o que aprender, mas também temos o que
887		ensinar<].
888	Márcia	[Não, acesso a tudo].
889	Talita	ACONTECENDO

Talita assume o turno e retoma a questão do internacionalismo iniciada anteriormente, marcando seu reposicionamento com a conjunção adversativa (“mas”).

Andréia e Talita posicionam coletivamente a comunidade brasileira (“a gente” – linhas 883-886), legitimando os saberes deste grupo e defendendo a valorização do produto nacional.

Segmento 14.2

890	Márcia	[Com certeza].
891	Talita	[E aí a gente bota] o dendê (0.4) no molho inglês.
892	Andréia	[Com certeza].
893	Márcia	[Seja, seja, seja] ...
894	Talita	°Entendeu°? Hhhh.
895	Márcia	[Seja ... dendê no molho inglês (0.5) estan], ...
896	Andréia	[Já gostei, já gostei, já gostei].
897	Márcia	Estando onde você estiver. Eu acho que é isso (0.5). [Tem que (0.6) valorizar nossa cultura].
898		

A metáfora “dendê no molho inglês” (linha 891) representa a mistura, o diálogo entre a cultura nacional e a internacional. Podemos associar que a mistura destes dois molhos representa uma comunhão, o hibridismo das identidades construídas na instituição a partir do debate sobre o internacionalismo no novo currículo.

A partir da metáfora, Talita posiciona (“[E aí a gente bota] o dendê (0.4) no molho inglês” – linha 891) as duas culturas que, se fundem em um entre-lugar, uma cultura híbrida. Bhabha (1994) utiliza o aspecto discursivo da linguagem como lócus entre significante e significado do qual, considerando o contexto sócio histórico e ideológico do usuário da linguagem (o lócus da enunciação), se pode ter visibilidade do hibridismo. A teoria sobre o hibridismo enfatiza que “culturas são construções, invenções, tradições e que, quando em contato, criam novas construções desterritorializadas, sem máscaras, autênticas” (Bhabha, 1994, p.126).

Apesar de parecer concordar inicialmente com posicionamento de Talita, Márcia (linhas 897-898) se reposiciona de maneira contestatória ao longo de toda a interação trazendo a tona um conflito entre a desvalorização dos saberes locais dos profissionais da comunidade brasileira em detrimento da cultura do grupo estrangeiro.

Márcia parece não conseguir reconfigurar-se e, presa ao paradigma das diferenças (já observado no segmento 11), ignora os novos posicionamentos construídos ao longo da interação em favor do processo de hibridação da realidade cultural da comunidade da qual faz parte. Márcia parece negar a mistura, a contradição, a revisão de paradigmas, e a inevitável reconstrução da identidade em um terceiro-espço.

8.2

Refletindo sobre os posicionamentos em relação ao internacionalismo

Nesta seção abordaremos os posicionamentos construídos sobre o internacionalismo a partir do olhar dos professores brasileiros e ingleses.

8.2.1

Construindo o conceito de internacionalismo: o grupo brasileiro

A pergunta feita pela entrevistadora (segmento 15) suscita que as entrevistadas discutam sobre o termo internacionalismo.

Segmento 15 - Entrevista com as professoras brasileiras

327	Alessandra	E o que que é esse <pensar> internacionalmente, [esse “internacionalism”, o que que é isso]?
328		

Baseados na pergunta acima, o trecho escolhido para análise (segmento 16) surge no decorrer da entrevista, um recorte da interação.

Segmento 16 - Entrevista com as professoras brasileiras

354	Talita	[Tava pensando] aqui, o que cê tava falando,
355		eu não sei se é burrice minha, enfim::, °“misconception”, enfim° (0.3).
356		Essa coisa do internacionalismo, né (0.2), isso pra mim é uma
357		formatação (0.3) ...
358	Márcia	É.
359	Talita	Isso, num, isso não me agrada 100% (0.2), entendeu? Porque, se você
360		fala em internacionalização, você fala em globalização e você fala na
361		co, na União Europeia, isso é muito perigoso ...
362	Márcia	É, eu também acho.
363	Talita	Porque, a partir do momento que você tem lá suas especificidades e tal,
364		<culturais>, religiosas, blábláblá, eu acho to todo mundo querendo botar
365		todo mundo na caixona.
366	Márcia	Mas é isso, Talita (0.3), e é justamente por isso que começa lá [atrás].
367	Talita	[E VEM]
368		com esse discurso assim de que não ...
369	Márcia	Como é que a gente [pode falar]?
370	Talita	[NÃO SEI BEM] onde é que, sab, qual, o, o pulo
371		do gato está aonde?
372	Márcia	Eu acho o seguinte: [a questã, a questão] ...
373	Talita	[É pra pensar, pra gente pensar].
374	Márcia	do internacionalismo, pra mim, ele passa muito pelo interpessoal. Ele

375		passar muito pelas a, pelas habilidades que as crianças vão ter que adquirir na escola e na vida delas pra saber (0.8) ser um, um, ser social (0.2). Como é que eu consigo ser um ser social que <respeita> quem se, <u>quem for, aonde eu for</u> , qualquer pessoa que mesmo que eu (0.8) discorde completamente (0.4) e essas crianças como é que elas a gente pode pensar: vamos ser “ <u>internacionally minded</u> ”(0.8) como? Se elas não conseguem <respeitar a pessoa que é igual> na frente dela ...
376		
377		
378		
379		
380		
381		
382	Andréia	A minha preocupação é exatamente essa. É essa [questão] ...

Segmento 16.1

354	Talita	[Tava pensando] aqui, o que cê tava falando, eu não sei se é burrice minha, enfim::, °“misconception”, enfim° (0.3). Essa coisa do internacionalismo, né (0.2), isso pra mim é uma formatação (0.3) ...
355		
356		
357		
358	Márcia	É.
359	Talita	Isso, num, isso não me agrada 100% (0.2), entendeu? Porque, se você fala em internacionalização, você fala em globalização e você fala na co, na União Europeia, isso é muito perigoso ...
360		
361		

Nas linhas 354-357, Talita se auto-posiciona como não conhecedora e desenvolve um *account*, utilizando uma estratégia de proteção de face. Além disso, Talita menciona que pode estar falando uma “burrice” algo equivocado (“*misconception*” - linha 355) assumindo uma posição de insegurança, de menos valia. Utilizando estratégias de defesa de face, Talita posiciona-se sobre o internacionalismo enquanto uma tentativa de “formatação” e classifica-o como algo perigoso (linhas 360 e 361).

Segmento 16.2

362	Márcia	É, eu também acho.
363	Talita	Porque, a partir do momento que você tem lá suas especificidades e tal, <culturais>, religiosas, blábláblá, eu acho to todo mundo querendo botar todo mundo na caixona.
364		
365		
366	Márcia	Mas é isso, Talita (0.3), e é justamente por isso que começa lá [atrás].
367	Talita	[E VEM]
368		com esse discurso assim de que não ...
369	Márcia	Comé que a gente [pode falar]?

Nos segmentos 363-365, Talita posiciona o internacionalismo como uma tentativa de formatação “querendo botar todo mundo na caixona.” (linha 364-365). A metáfora “dentro da caixona” é retomada por Talita ao assumir um

posicionamento sobre o tema internacionalismo como uma formatação imposta que pode sufocar as especificidades culturais e religiosas de cada comunidade.

Márcia e Talita coconstróem seus discursos e assumem posicionamentos correlatos sobre o internacionalismo.

Segmento 16.3

370	Talita	[NÃO SEI BEM] onde é que, sab, qual, o, o pulo
371		do gato está aonde?
372	Márcia	Eu acho o seguinte: [a questã, a questão] ...
373	Talita	[É pra pensar, pra gente pensar].
374	Márcia	do internacionalismo, pra mim, ele passa muito pelo interpessoal. Ele
375		passar muito pelas a, pelas habilidades que as crianças vão ter que
376		adquirir na escola e na vida delas pra saber (0.8) ser um, um, ser social
377		(0.2). Como é que eu consigo ser um ser social que <respeita> quem se,
378		quem for, aonde eu for, qualquer pessoa que mesmo que eu (0.8)
379		discorde completamente (0.4) e essas crianças como é que elas a gente
380		pode pensar: vamos ser “internacionally minded”(0.8) como? Se elas
381	não conseguem <respeitar a pessoa que é igual> na frente dela ...	
382	Andréia	A minha preocupação é exatamente essa. É essa [questão] ...

Talita metaforiza com a pergunta feita na linha 370 (“onde é que, sab, qual, o, o pulo do gato está aonde?”) disponibilizando uma posição de entrevistadora, de quem faz a pergunta como um recurso retórico.

Márcia posiciona o internacionalismo em relação à construção do ser social (linha 374 - 381). Márcia utiliza indexais (ele, eles, a criança) posicionando as crianças enquanto grupo que vivencia a questão do internacionalismo (linhas 374 - 376), não se auto-posicionando como integrante do processo de internacionalização.

A partir da linha 377, Andréia alterna o sujeito agentivo, o ser social, utilizando o indexal “eu”, posicionando-se de forma direta, ao mesmo tempo em que utiliza “essas crianças”, posicionando-as.

8.2.2

Construindo o conceito de internacionalismo: o grupo inglês

No segmento a seguir, a entrevistadora sugere o debate sobre o tema internacionalismo e de que forma esta discussão pode vir a mudar os posiciona-

mentos dos entrevistados em relação aos pontos por eles contestados ao longo da interação.

Segmento 17 - Entrevista com os professores ingleses

193	Alessandra	Do you think that with this discussion of internationalism this might change? The view might change?
194		
195	Paul	I find that interesting, Alessandra, because I actually think that in some ways it could be worse because we are talking about looking at everything in the local context. So now we are gonna focus even more on Brazil but in English again, so it is almost for me it seems worse I like the idea that they are gonna be international but ... I don't know I think it is gonna create more problems.
196		
197		
198		
199		
200		
201	Alessandra	How would you define this being international?
202	Paul	That is a difficult one because we were told you know ... if you can go and live in a foreign country, if you could go and do that but a lot of the things seem to be defining internationalism more personal skills, you know like, you can accept someone being different to you, I don't think being international, I can accept in England that there is someone different to me but that doesn't mean that I could go and live in Argentina for me that's not internationalism.
203		
204		
205		
206		
207		
208		
209	Helen	And I think with this internationalism I think it works in a classroom that is international so it makes sense but shows international schools that are truly international so I think the curriculum works in the international part ... and in England I think a lot of the schools are taking these on ... things and I think also in England now in every class you have a huge amount of ... you know range of different nationalities so they can have a common ... So they are an international class so that they can bring in their ideas from their countries and their opinions ... whereas this school it is not an international, you know there is nothing ... I mean, my class is all Brazilian apart from Peter who is half English so they don't you know just don't know where they can, whether it would work the way it should work they ... cause these children are international the way they travel but ...
210		
211		
212		
213		
214		
215		
216		
217		
218		
219		
220		
221		
222		
223	Paul	uhumm

Segmento 17 – Tradução

193	Alessandra	Você acredita que com a discussão sobre o internacionalismo isso pode mudar? Esta visão pode mudar?
194		
195	Paul	Eu acho isso interessante, Alessandra, por que na verdade eu acho que de alguma forma isso poderia ser pior por que estamos falando sobre olhar a partir de um contexto local. Então, agora vamos focar ainda mais no Brasil, mas em inglês novamente, então é quase... Para mim parece pior eu gosto da ideia de que eles serão internacionais mas ...
196		
197		
198		
199		

200		Eu não sei, acho que isso vai criar mais problemas.
201	Alessandra	Como você definiria ser internacional?
202	Paul	Esta é uma questão difícil por que nos disseram você sabe... se você pode viver em um outro país estrangeiro, se você pode ir e fazer isso mas muitas das coisas que são ditas parecem definir internacionalismo como habilidades pessoais, entende, como você pode aceitar que alguém seja diferente de você, eu não acho que isso seja ser internacional, eu posso aceitar na Inglaterra que alguém é diferente mas isso não quer dizer que eu possa viver na Argentina para mim isto não é internacionalismo.
203		
204		
205		
206		
207		
208		
209	Helen	E eu acho que o internacionalismo eu acredito que funciona em uma sala de aula que é internacional para que faça sentido em escolas que são verdadeiramente internacionais então eu acho que o currículo faria sentido nesta parte... e na Inglaterra eu acho que muitas escolas estão trabalhando com este conceito... e eu acho que agora na Inglaterra tem uma grande quantidade de... você sabe uma gama de diferentes nacionalidades então eles têm um comum... Então eles são uma sala de aula internacional em que eles podem trazer suas ideias de diferentes países e suas opiniões... enquanto esta escolar não é internacional, você sabe não há nada... Quero dizer, minha turma é toda de brasileiros com a exceção de Peter que é inglês por parte de pai logo eles não sabem, não compreendem onde eles podem, se o currículo funcionaria como deveria... Pois estas crianças são internacionais apenas na forma como viajam, mas...
210		
211		
212		
213		
214		
215		
216		
217		
218		
219		
220		
221		
222		
223	Paul	uhumm

Segmento 17.1

195	Paul	I find that interesting, Alessandra, because I actually think that in some ways it could be worse because we are talking about looking at everything in the local context. So now we are gonna focus even more on Brazil but in English again, so it is almost for me it seems worse I like the idea that they are gonna be international but ... I don't know I think it is gonna create more problems.
196		
197		
198		
199		
200		

Paul inicia seu turno e se posiciona enquanto participante ratificado visto que, ao utilizar meu nome, ele demonstra que está endereçando sua resposta a entrevistadora, caracterizando a interação enquanto entrevista de pesquisa. Já na linha 196, Paul utiliza o pronome “we” como outra pista a fim de incluir a entrevistadora, assim como os outros entrevistados como parte da mesma comunidade.

A partir de um *account* explicativo (“because” – linha 195) sobre o currículo, Paul inicia sua explicação manifestando concordâncias e discordâncias parciais sobre a nova abordagem curricular.

O posicionamento de Paul sobre o novo currículo é construído com um adjetivo de conotação negativa comparando o novo currículo com o que até então era adotado pela instituição (“*it could be worse*” – linha 196). Este posicionamento direciona o foco para o contexto local. A expressão (“*I don’t know*” – linha 199) pode sugerir uma estratégia de mitigar o posicionamento assumido por ele.

Segmento 17.2

201	Alessandra	How would you define this being international?
202	Paul	That is a difficult one because we were told you know ... if you can go and live in a foreign country, if you could go and do that but a lot of the things seem to be defining internationalism more personal skills, you know like, you can accept someone being different to you, I don’t think being international, I can accept in England that there is someone different to me but that doesn’t mean that I could go and live in Argentina for me that’s not internationalism.
203		
204		
205		
206		
207		
208		

Neste momento, Alessandra toma o turno e sugere que Paul se posicione sobre o que se significa ser internacional, suscitando uma explicação mais direta.

Paul, ao iniciar seu posicionamento, utiliza mais uma vez o recurso de fala reportada, “*we were told*” (linha 178) como recurso linguístico de defesa de face iniciando um *account* narrativo de forma indireta, sem determinar a agentividade deste.

Paul posiciona o internacionalismo como um conceito voltado para habilidades pessoais, de aceitação do diferente, do “outro” (linhas 204-205). Entretanto, utiliza o vocábulo “*things*” (linha 204) no local de um agentivo, ocultando-o.

A partir da linha 205, Paul posiciona-se diretamente sobre o internacionalismo pautando-se em referências sobre a sua cultura e ao seu país de origem (Inglaterra) contrastando com um país estrangeiro (Argentina), estabelecendo questões sobre a diferença (linha 207) entre membros de culturas diferentes convivendo em outro país.

Segmento 17.3

209	Helen	And I think with this internationalism I think it works in a classroom that is international so it makes sense but shows international schools that are truly international so I think the curriculum works in the international part ... and in England I think a lot of the schools are taking these on ... things and I think also in England now in every
210		
211		
212		
213		

214		class you have a huge amount of ... you know range of different nationalities so they can have a common ... So they are an international class so that they can bring in their ideas from their countries and their opinions ... whereas this school it is not an international, you know there is nothing ... I mean, my class is all Brazilian apart from Peter who is half English so they don't you know just don't know where they can, whether it would work the way it should work they ... cause these children are international the way they travel but ...
215		
216		
217		
218		
219		
220		
221		
222		
223	Paul	

Helen assume o turno e se posiciona ao estabelecer um contraponto entre a realidade das escolas na Inglaterra e a instituição em questão. Helen avalia o conceito de internacionalismo baseada na variedade de nacionalidades representadas pelo corpo discente de uma instituição. Helen posiciona a instituição local contrastando-a com as de sua terra natal, contribuindo para a manutenção da diferença.

Helen posiciona a escola em questão na linha 217 (“*Whereas this school it is not an international, you know there is nothing*”) com o recurso linguístico da conjunção (“*whereas*”) indexando contraste e comparação com a avaliação anterior. Helen se reposiciona a partir de um marcador discursivo (“*I mean*” - linha 218-219), utilizando uma autocorreção reparadora a fim de explicar seu posicionamento.

Enquanto se reposicionam, os interactantes ingleses utilizam estratégias linguísticas de mitigação do ato e defesa de face, como por exemplo: reformulações “*I mean*”, modalizadores “*could, might*”, fala reportada “*we were told*”, também sugerindo um distanciamento daquilo que é dito.